



COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA
CAMPUS SOUSA

MARIA DAS GRAÇAS AVELINO

ADAPTAÇÕES DE CLÁSSICOS LITERÁRIOS: uma forma de estimular a leitura das
obras integrais

SOUSA - PB

2017

MARIA DAS GRAÇAS AVELINO

ADAPTAÇÕES DE CLÁSSICOS LITERÁRIOS: uma forma de estimular a leitura das
obras integrais

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a conclusão do Curso de Licenciatura em
Letras a Distância do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia da
Paraíba para obtenção do título de
Graduado em Letras, com habilitação em
Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Gírlene
Marques Formiga.

SOUSA

2017

MARIA DAS GRAÇAS AVELINO

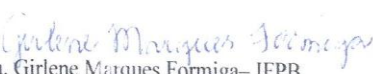
ADAPTAÇÕES DE CLÁSSICOS LITERÁRIOS: uma forma de estimular a leitura das
obras integrais


Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a conclusão do Curso de Licenciatura em
Letras a Distância do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia da
Paraíba para obtenção do título de
Graduado em Letras, com habilitação em
Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Gírlene Marques
Formiga.

Aprovado em 17 de março de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Gírlene Marques Formiga – IFPB
Orientadora


Profa. Dra. Francilda Araújo Inácio – IFPB
Examinadora


Profa. Dra. Marta Célia Feitosa – IFPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por permitir que tudo isso acontecesse, pois nada acontece sem que Ele permita.

Ao IFPB e ao corpo docente do curso de Letras que contribuíram com a minha formação acadêmica.

A minha orientadora Gírlene pelo suporte na construção desse trabalho.

Aos meus pais, esposo e demais familiares pelo incentivo.

Por fim, a todos que, de forma direta ou indireta, influenciaram na minha formação acadêmica.

A leitura é uma viagem fantástica ao mundo do conhecimento, onde só você, “que ler”, tem a oportunidade de transcender!

Simone Helen Drumond Ischkanian

RESUMO

Um dos maiores desafios que o docente encontra em sala de aula é a falta de interesse dos estudantes no que concerne à leitura literária, principalmente quando se trata dos clássicos. Como estratégia para minimizar esse cenário, as adaptações dos clássicos literários constituem uma maneira de estabelecer o contato com um bem cultural da humanidade. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é analisar a relevância dos clássicos literários adaptados para o 8º ano do Ensino Fundamental II, com vistas a despertar o interesse desses leitores pela prática leitura dos clássicos literários e a compreender a sua importância para o jovem leitor. Para tanto, a partir da observação do Estágio Supervisionado, que permitiu compreender o fenômeno em sua extensão, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, levantamento responsável pela fundamentação teórico-metodológica de uma experiência com a adaptação do clássico literário *Alice no país das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Concebemos, graças a este estudo, a existência de contextos educacionais que necessitam dar a devida atenção aos clássicos literários. Percebemos também que, verificado um certo desinteresse com esse tipo de leitura, os clássicos literários podem constituir estratégia de apresentação de obras que influenciaram e continuam a influenciar a nossa cultura, logo indispensáveis à formação de leitores no universo escolar e fora dele.

Palavras-chave: Adaptações, clássicos literários, leitura no Ensino Fundamental II.

ABSTRACT

One of the greatest challenges that the teacher finds in the classroom is the lack of interest of students in literary reading, especially when it comes to the classics. As a strategy to minimize this scenario, adaptations of literary classics constitute a way of establishing contact with a cultural good of humanity. In this sense, the purpose of this study is to analyze the relevance of the literary classics adapted for the eighth year of Elementary School II, with a view to awakening the interest of these readers by practicing literary classics and understanding their importance for the young reader. In order to reach the proposed objective, a bibliographical research was carried out, based on the survey of critical-theoretical references of the area, as well as the observation that allowed to understand the phenomenon in its extension. We conceive, thanks to this study, the existence of educational contexts that need to give due attention to literary classics. We also perceive that, given a lack of interest in this type of reading, literary classics can be a strategy for the presentation of works that influenced and continue to influence our culture, thus indispensable for the formation of readers in the school universe and beyond.

Keywords: Adaptations, literary classics, reading.

1 Introdução

A leitura é um dos instrumentos fundamentais no processo educativo, haja vista ser por meio dela que o estudante desenvolve competências e habilidades pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem. Em um contexto mais amplo, a leitura promove a ascensão como indivíduo e como cidadão, uma vez que amplia a sua autonomia na sociedade. Mesmo com políticas de incentivo à promoção da leitura no país, infelizmente parte dos estudantes ainda tem pouco acesso a práticas de leitura ou se sentem por vezes inaptos a certos tipos de textos, principalmente quando se trata dos literários. Regina Zilberman (2008, p. 16), ao discutir o papel da leitura da literatura na escola, defende que "atualmente não mais compete ao ensino da literatura a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor". Esse desafio, somado a outros processos – a exemplo do código escrito, é também de responsabilidade da escola que deve apresentar a literatura como uma experiência de muitas faces.

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (ZILBERMAN, 2008, p. 17).

Para fins de conceituação, tomamos o termo literatura como “uma escrita altamente valorativa, de que ela não constitui uma entidade estável, resulta do fato de serem notoriamente variáveis os juízos de valor”. (EAGLETON, 2003 *apud* FORMIGA, 2009, p.18). Esse posicionamento é corroborado por Abreu (2006, p. 41) ao assegurar que “nós temos que discutir o que é literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais”. Baseado nesses posicionamentos, uma obra

literária pode ser considerada como digna de valor ou não em função de sua contextualização histórica e de seus leitores.

Se alguns leitores em formação manifestam dificuldades em lidar com o texto literário, a leitura seletiva dos considerados *os melhores textos da humanidade* parece constituir dificuldade ainda maior. Alguns deles, por exemplo, não se sentem muito atraídos pela leitura dos denominados clássicos, sob a justificativa de não estarem habituados a uma leitura mais complexa, com linguagem de uma outra época e termos desconhecidos ao seu universo sociolinguístico.

Para esta pesquisa, adotamos como concepção do termo clássico, o conceito dado por Ana Maria Machado que assim defende:

Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los.

Em suma, são livros que conseguem ser eternos e sempre novos. Mas que, ao serem lidos no começo da vida, são fruídos de uma maneira muito especial, porque “a juventude comunica ao ato de ler, como a qualquer outra experiência, um sabor e uma importância particulares”. (MACHADO, 2002, p. 23-24, grifo da autora)

Quais seriam, de acordo com Machado, os "livros que conseguem ser eternos e sempre novos" (2002, p. 24)? *A Odisséia* e *A Ilíada*, de Homero? *Romeu e Julieta*, de Shakespeare? *Dom Quixote*, de Cervantes? *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll? A lista pode ser imensa, o que levaria anos e anos para a leitura. Se iniciarmos desde cedo, certamente, teremos mais chances de acesso a uma maior quantidade desses livros.

Considerando a riqueza expressiva dos clássicos literários, os professores recorrem, como alternativa para a inserção dos estudantes desde cedo nesse universo, a adaptações dos clássicos literários, visto que trazem uma escrita acessível a leitores iniciantes. É certo que os docentes não podem limitar esse grupo somente à leitura dessas adaptações, mas é importante a concepção de que servem como apresentação para uma leitura mais ampla na qual traz a obra integral de um clássico. Com vistas à formação de um leitor competente, o professor deve oferecer condições necessárias para o seu desenvolvimento, utilizando estratégias para ampliar o seu domínio literário.

A linguagem complexa dos clássicos da literatura para aqueles alunos que não têm familiaridade com esses textos é um dos fatores que dificultam os discentes lidarem com tais obras. Essa justificativa pode explicar a opção de muitos professores decidirem pelas adaptações dos clássicos, haja vista apresentarem uma linguagem que facilita a compreensão do texto, logo favorece o contato de jovens com a leitura. Embora essa forma de leitura seja legítima, (e pode ser a única forma de um leitor ter acesso a um clássico), é importante que instiguemos, na função de docente, o estudante a adentrar a obra em sua versão integral.

A pesquisa de Formiga (2009) reflete as razões pelas quais as adaptações de clássicos são consideradas uma leitura legítima ao torná-las visíveis através de um percurso histórico, iniciado com os retóricos que se apropriavam de obras clássicas integrais adaptando-as aos seus pupilos.

Como a avaliação estética e o gosto literário variam em conformidade com a época e a comunidade leitora, há de se considerar que uma forma de determinados leitores apreciarem e entenderem, por exemplo, os denominados clássicos literários é através da adaptação. Em um formato editorial muito difundido, esses clássicos adaptados, geralmente voltados para um público leitor jovem, se encontram disponíveis em muitas editoras brasileiras, conforme pode ser comprovado pelas análises já empreendidas nesta pesquisa. Oferecer-lhe tais narrativas é oportunizar o contato com textos literários dos quais possa se apropriar desde cedo desse conhecimento, e, mais tarde, estender a leitura ao texto integral. (FORMIGA, 2009, 168).

A perspectiva da adaptação "com um aparato que facilita a compreensão de obras, as adaptações são um excelente recurso a ser utilizado na iniciação do leitor neófito no mundo da literatura", defendida por Formiga (2019, p.169), encontra aceitação em Machado (2002, p. 13-14) que, ao tratar das narrativas, argumenta:

Se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, esses eventuais encontros com nossos mestres da literatura terão boas probabilidades de vir a acontecer quase naturalmente depois, no final da adolescência. E podem ser grandemente ajudados na escola, por um professor que traga para sua classe trechos escolhidos de algumas de suas leituras clássicas preferidas, das quais seja capaz de falar com entusiasmo e paixão.

Sabemos que um dos maiores desafios dos professores é lidar com o desinteresse dos estudantes no que se refere à leitura e mais ainda quando se trata de leituras com

escrita erudita. Infelizmente, a maioria dos docentes não desenvolve métodos eficazes que transformem essa realidade. Percebendo isso, decidimos estudar a adaptação dos clássicos literários porque acreditamos que a sua leitura pode proporcionar grandes benefícios à formação de nossos leitores estudantes. Por intermédio desta pesquisa, obtivemos embasamento teórico que contribuiu para instruir melhor o nosso trabalho como professor com os clássicos literários em sala de aula. É certo que um docente qualificado pode apresentar maior capacidade de instruir o trabalho com a leitura de clássicos literários, de forma a propiciar aos estudantes a desenvolverem competências e habilidades nessa prática.

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo primordial analisar a relevância dos clássicos literários adaptados para a formação e gosto do leitor no oitavo ano do ensino fundamental II da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental e Médio Francisco Cícero Sobrinho, localizada no município de Sousa-PB, e, de maneira mais específica, despertar o interesse desses leitores pela prática leitora dos clássicos literários, com vistas a compreender a importância das adaptações dos clássicos literários para a sua formação leitora. A escolha do 8º ano se justifica em razão de nossa vivência pedagógica nessa turma durante o Estágio Supervisionado, atividade que oportunizou estabelecer a articulação entre as teorias estudadas durante o curso e a sua prática na sala de aula.

A partir dos pontos aqui apresentados, trazemos à tona alguns questionamentos tais como: qual a real importância da leitura dos clássicos literários para os leitores em formação? Por que utilizar as adaptações dos clássicos literários em sala de aula? As respostas a essas indagações certamente contribuirão para propormos ações condizentes com a nossa prática docente da área de Letras, responsável pela formação de leitores e letramento literário.

Para a realização dessa investigação, realizamos uma pesquisa de natureza descritivo-interpretativa, cuja abordagem é predominantemente qualitativa que se caracteriza

“[...] como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionário, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentado em forma descritiva”. (OLIVEIRA, 2008, p. 41)

No que concerne à metodologia da pesquisa, essa se operou da seguinte forma. A partir das observações realizadas na sala de aula do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública, durante o Estágio Supervisionado, que nos motivou a escolha do objeto desta pesquisa, realizamos uma pesquisa bibliográfica, a partir da qual fizemos um levantamento de referências crítico-teóricas da área. Para tanto, recorremos, dentre outros estudiosos, a Machado (2002), Lajolo e Zilberman (1985), Zilberman (2008) e Formiga (2009). A partir dessas vivências pedagógicas realizadas no Ensino Fundamental e do aprofundamento das questões teóricas e metodológicas, apresentamos uma experiência de um trabalho com a adaptação do clássico literário *Alice no país da Maravilhas*, de Lewis Carrol.

No que se refere à estrutura do trabalho, além da Introdução, seção em que definimos os objetivos desta pesquisa, a justificativa para a escolha do objeto de investigação e os aspectos teórico-metodológicos do estudo, organizamo-lo de acordo com as seguintes seções que a esta sucede: Em *Leitura literária na escola*, tratamos da importância da leitura literária na escola e de suas contribuições no processo de formação de leitores. Em *O papel das adaptações de textos literários na formação de leitores: entre teoria e prática de leitura*, subdividida por *Adaptações de clássicos literários para o 8º ano* e *Alice no país das maravilhas: uma experiência de leitura com estudantes do 8º ano*, ressaltamos o aporte das adaptações dos clássicos da literatura no universo escolar, destacando a sua leitura para esse nível de ensino. Nesta última subdivisão, ampliando a discussão em *Um convite à leitura de Alice no país das maravilhas na sala de aula*, expomos a experiência de um trabalho com a adaptação do clássico literário *Alice no país da Maravilhas*, de Lewis Carroll, desenvolvida no Estágio Supervisionado em uma turma do 8º ano do ensino fundamental da escola estadual Francisco Cícero Sobrinho situada no município de Sousa-PB. Por fim, nas *Considerações finais*, relatamos os resultados dos objetivos almejados nesta pesquisa.

2 A leitura literária na escola

Antigamente saber ler era regalia de poucos, consistia em um luxo permitido somente a uma classe privilegiada que detinha o monopólio poder socioeconômico. Segundo Martins (2012, p. 23), o aprendizado se baseava em disciplina rígida, por meio de método analítico caracterizado pelo processo passo a passo: primeiro, decorar o alfabeto; depois, soletrar; por fim, decodificar palavras isoladas, frases até chegar a textos contínuos.

[...] aprender a ler se resume a decoreba de signos linguísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender. Sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Essa concepção de leitura, no entanto, sofreu transformação no cenário educacional brasileiro com políticas e ações voltadas à promoção da leitura, a exemplo da implementação do Plano Nacional do Livro e Leitura, que compreendem a leitura como uma atividade que extrapola a obtenção de conhecimentos e produção do saber, haja vista representar uma prática de interação social. A capacidade de leitura vai além do saber juntar letras, já que é necessário conhecer as particularidades da linguagem escrita e das várias formas e gêneros de textos para a eficiência da escrita e da leitura em nossas práticas sociais.

Infelizmente, muitos estudantes ainda apresentam deficiência nesses aspectos. No que se refere à leitura, o Anuário Brasileiro da Educação Básica (2016, p.75) revela que “quase metade dos estudantes do País (49,2%) sabe apenas o básico, pois ainda não alcançou o nível 2 de proficiência”. Isso significa que “os alunos apenas localizam informações independentes enunciadas de maneira explícita”.

Os dados apontam que uma considerável parte dos estudantes não consegue extrair sentidos das palavras, resultado que nos induz a inferir que a escola ainda vê a leitura como mera decodificação. Como consequência disso, será, de fato, que a escola tem formado leitores passivos com foco apenas na superficialidade do texto?

Durante o Estágio Supervisionado, foi possível perceber que a reação de alguns estudantes, quando se trata de leitura, é de certa desatenção. Dessa constatação, arriscamos algumas justificativas. Esse aparente desinteresse não seria devido ao hábito de realizarem leituras por obrigação, já que algumas práticas de ensino utilizadas por

professores pouco contribuem para o estímulo à leitura? Será que a família também não concorreria para essa falta de entusiasmo por parte dos estudantes, à medida que delega à escola a tarefa de ensinar a ler e vivenciar leituras no cotidiano das crianças e dos jovens? Vemos, de fato, pais como motivadores reais da leitura, compartilhando desse bem cultural com seus filhos? Certamente, algumas respostas a essas indagações já sinalizam um paradigma de que ler é uma atividade meramente escolar e descontínua que serve aos propósitos pedagógicos. A esse respeito, recorreremos à discussão empreendida por Azevedo (2003, p. 01) ao tratar de fatores que contribuem para o "processo de (não) formação de leitores".

Há problemas conjunturais tais como a existência de numerosos pais analfabetos ou semi-analfabetos; famílias dependendo do trabalho infantil para poder sobreviver; pessoas morando em casas, por vezes de um só cômodo, sem espaço e iluminação adequados para a leitura. Há o preço do livro, alto para os padrões nacionais de renda, e a quase inexistência, fora dos grandes centros, de livrarias e bibliotecas. Há o contato de crianças com adultos – pais e professores – que, apesar de alfabetizados, não são leitores.

Sabemos quão relevante é o contato do leitor iniciante com diferentes gêneros textuais, principalmente com os que podem favorecer a formação leitora. Em se tratando de clássicos literários, raramente nos deparamos com estudantes debruçados sobre eles como atividade contínua e prazerosa. Desse modo, verifica-se que a literatura, seja ela brasileira ou estrangeira, não tem merecido a devida atenção fora e dentro do contexto escolar. Para tentar suprir essa lacuna, o professor deve ter como missão conduzir os estudantes ao universo prazeroso da leitura, de variados gêneros, incluindo o literário – objeto particular de nosso interesse, especialmente os clássicos literários adaptados. Assim sendo, se o leitor desde cedo tiver familiaridade com o texto literário, com a sua escrita ficcional, com a linguagem mais elaborada, certamente não passaria por dificuldades ao adentrar o mundo da arte literária de qualquer época, incluindo os clássicos.

Segundo Barbosa, há três justificativas para a resistência dos jovens com relação à leitura literária:

[...] a dificuldade dos jovens com a “linguagem” dos textos literários; a compreensão de que a literatura e suas representações estão muito distantes de questões da contemporaneidade e da “vida real”; a dificuldade de construir sentido dos textos literários, tendo em vista

seus elementos implícitos e sua plurissignificação (2010, p. 5, grifos da autora).

Essa dificuldade pode se dar em razão de alguns professores evitarem focar nesse tipo de leitura, apresentando outro tipo de texto, em vez de desconstruírem certas concepções que muitos alunos elaboram com relação à literatura. Outros docentes até se propõem a trabalhar com as obras literárias, inclusive as consideradas clássicas, embora ainda utilizem metodologias voltadas a fins avaliativos, por exemplo. Com a adoção desse procedimento, a leitura passa a ser um ato meramente obrigatório e utilitário no universo escolar. Kleiman 1996 *apud* Silva (2003 p. 516) ratifica isso quando afirma que

[...] a escola ainda prioriza a leitura como mera decodificação, pressupondo um leitor passivo, cuja participação volta-se primordialmente para a superfície do texto. Além dessa concepção, a leitura é trabalhada no espaço escolar tendo como objetivo final alguma estratégia de avaliação, o que coloca o aluno diante de uma tarefa árdua: é preciso ler para fazer exercícios, provas, fichas de leitura, resumos, enfim, o ato de ler visa cumprir tarefas escolares.

Tal visão em nada concorre para o processo de formação de leitores e a preservação de certas referências culturais. Considerando a realização de uma leitura espontânea dos clássicos da literatura, é fundamental os professores se apropriarem de sua leitura e de sua importância para que possam proporcionar ao estudante contato com grandes textos da escrita universal capazes de permitir a esse leitor refletir sobre conflitos da condição humana e, a partir dos quais, compreender melhor a sua própria vida e o mundo em que vive. Com esse tratamento, os textos passam a fazer sentido para o aluno, tornando-os apreciadores desse bem, conforme defende a especialista na área Lajolo "ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum" (2006, p. 15).

Pautados nesse posicionamento de Lajolo (2006) e no de Machado (2009), quando esta última discute como e por que ler os clássicos universais desde cedo, reconhecemos o fato de que quanto mais cedo à criança tiver contato com os clássicos literários maiores a probabilidade de se tornarem naturalmente um leitor que aprecia esse tipo de leitura. Corroborando o pensamento de Machado (2009), é certo que as experiências vivenciadas na fase da infância permanecem nítidas e duráveis por muito

tempo, porque cada texto que é apresentado à criança ou ao jovem deixa marcas profundas que passam a fazer parte da sua vida, da sua bagagem cultural.

Ora, se as crianças não mantêm contato em casa com adultos leitores – em razão de problemas conjuntais, conforme defendido por Azevedo (2003) –, resta-lhes a escola desempenhar tal papel. Se esta, por sua vez, não contribui para o desenvolvimento do gosto pela literatura, entende-se que as chances de uma criança se envolver com esse tipo de leitura diminuem. Todorov (2009) nos chama a atenção para o perigo que sofre a literatura em razão da forma como a escola tem lhe oferecido aos jovens a partir das séries iniciais.

O leitor não profissional, tanto de hoje quanto de ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O caminho da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um (TODOROV, 2009, p. 32-33).

Todorov (2009, p. 33) arremata esse entendimento afirmando que o caminho que a escola vem tomando hoje para lidar com o texto literário é contrário ao horizonte por ele descrito, o que “difícilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura”.

Felizmente existem luzes no fim do túnel. Ana Maria Machado, em entrevista concedida à Revista Nova Escola, indagada sobre como deve ser a mediação entre o aluno e as histórias universais, assevera:

O professor deve demonstrar paixão pela leitura. Se ele gosta de ler, deve ser deslumbrado. Pode, por exemplo, chegar à sala de aula dizendo: "Olhem, existe no mundo uma coisa maravilhosa, que são as histórias. Mas é difícil descobrir sozinho o quanto é bom conhecer esses textos. Por isso, quero compartilhar com vocês um deles, que fala sobre um menino que não podia crescer, o Peter Pan". Ensinar a ler clássicos é uma iniciação afetiva (BENCINI, 2016, p.1).

Para a escritora, é muito importante que o professor tenha intimidade com os clássicos ao propor a sua leitura em sala. Tal relação certamente favorece a aproximação dos estudantes com o clássico apresentado. Com esse entendimento, o ato de ler não é visto como uma obrigação, mas como um direito, uma garantia que satisfaz o leitor. A esse respeito, Candido afirma (2011, p. 177):

Se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que necessita ser satisfeita e cuja satisfação é um direito.

Além dessa satisfação humana, a literatura promove o conhecimento e pode ser a porta de entrada para o exercício do "re-conhecimento" das facetas humanas, sejam individuais ou universais, razão pela qual requer dedicação e entendimento daquilo que se está lendo.

Ao optar pela leitura, compreendendo a de clássicos literários, grandes benefícios são proporcionados, pois, quando se identifica com o conteúdo de um livro, o leitor passa a compreender-se melhor, construindo respostas para seus próprios questionamentos. Por isso, "todo leitor é, quando está lendo, um leitor de si mesmo" (PROUST (1871-1922) *apud* BENCINI, 2003, p. 1).

Nesse sentido, incitar a prática de ler clássicos literários permite à criança desenvolver competências. Além disso, a familiarização com esse tipo de leitura lhe ajuda a adquirir conhecimentos estéticos, apropriar-se de uma linguagem capaz de favorecer o lúdico e a criatividade, aspectos tão solicitados nesse gênero.

Ademais, o estudante que se debruça na leitura de um clássico literário desenvolve também o senso crítico, uma vez que é capaz de questionar os acontecimentos do cotidiano, refletindo sobre eles e, conseqüentemente, interferindo em sua realidade. Logo, poderão ser formados cidadãos ativos na sociedade, com capacidades de transformá-la.

Nessa perspectiva, como já mencionado anteriormente, a leitura dos clássicos literários não pode ser uma atividade imposta pela escola, mas apresentada como exercício que proporcione prazer e benefícios aos estudantes em razão de conceder sentidos a uma infinidade de coisas que lhes cercam. Sendo assim, é pertinente convencê-los, por meio de estratégias instigantes, de que ler os clássicos é algo bom e prazeroso. Por meio deles, convém ratificar, a escola pode formar leitores ativos, críticos e reflexivos. Logo, não podemos abolir os clássicos do convívio escolar, em razão de serem instrumentos que desenvolvem as competências elencadas, dentre outras.

Com vistas a proporcionar o acesso desde cedo aos clássicos literários, abordaremos a seguir adaptações dos clássicos literários como ponto de partida para

despertar a curiosidade dos estudantes pela leitura de obras clássicas em suas versões integrais.

3 O papel das adaptações de clássicos literários na formação de leitores: entre teoria e prática de leitura

As adaptações de clássicos literários têm tradição histórica na cultura escolar, especialmente quando se trata de obras destinadas a jovens leitores. Formiga (2009) revela que o termo clássico, cuja etimologia vem do latim *classicus*, indicava, originalmente, o que pertence à primeira classe, à elite, ou seja, desde a sua origem, ocupa posição de prestígio.

Nomes como Homero, Cervantes, Shakespeare, Machado de Assis, considerados modelos do gênero por seu valor estético, são revisitados por leitores em vários momentos da história. Assim, tomemos aqui, a obra clássica como qualquer produção cultural dotada de rigor formal, que, alcançando um status de validade universal e perenidade, é consumida por sucessivas gerações de leitores (FORMIGA, 2009, p.122).

Assim, para sobreviver ao tempo, parece que o texto atende a certos preceitos, considerando que afeta leitores por séculos e séculos. Dentre as várias respostas às perguntas "o que é um clássico" e "por que lê-lo", Calvino (1993, p. 11) defende que "os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)." A ideia de Calvino indica, pois, que as questões existenciais abordadas em um livro são as motivações favoráveis para fazer atravessar séculos e ainda, sim, se manterem atuais. Daí a sua perpetuação.

As obras de Homero, Cervantes, Shakespeare, Machado de Assis, dentre tantos outros clássicos, são reconhecidas como padrão da boa escrita, embora ainda exista uma certa dificuldade por parte do leitor iniciante em se apropriar na íntegra desses textos em razão de uma trama ou linguagem mais complexa. Como estratégia para os leitores que não desbravam tais aspectos, as adaptações dos clássicos literários constituem veículos

que podem garantir o acesso à leitura dessas obras. Tomemos como referência para o termo adaptar o Minidicionário Aurélio que o conceitua da seguinte forma: “Modificar o texto de (obra literária), adequando ao seu público ou transformando em peça teatral” (AURÉLIO, 2001, p.15).

A partir dos resultados das acepções dicionarizadas apresentados para o termo adaptação, Formiga (2009, p. 22) esclarece que "não teve sempre o significado de hoje, razão pela qual a Literatura – denominação anacrônica para os séculos anteriores ao XVIII – igualmente não esteve sempre ligada às Belas-Letras". Sintetizando, entendemos que a adaptação é um recurso que consente uma série de modificações, cujo objetivo é facilitar a compreensão do público de acordo, atendendo, dessa forma, novos usos para esse tipo de texto. Considerando o aspecto histórico, por exemplo, quanto mais antiga for uma obra literária, mais transformações parecem passar, pois tentam ajustá-las ao gosto do público alvo, de acordo com a época e lugar. Histórias produzidas no século XIX, como *Os três mosqueteiros*, escrita pelo romancista francês Alexandre Dumas; *Iracema*, romance que integra a trilogia indianista do reconhecido brasileiro José de Alencar; e *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, pseudônimo do escritor britânico Charles Lutwidge Dodgson, são exemplos de clássicos literários que, ao longo do tempo, passaram por adaptações em gêneros e suportes variados.

As modificações empreendidas nos clássicos para as adaptações são realizadas a partir do verbal e do visual. Em se tratando da obra impressa, além da manutenção dos aspectos considerados importantes na escrita dos textos literários adaptados, também se utilizam como subsídio a ilustração. Essa é uma ferramenta vista como algo relevante para acrescentar sentidos à obra, capaz de seduzir ainda mais o leitor, conforme defendem Silva e Sousa (2016, p. 90) ao analisarem como as ilustrações auxiliam a mediação literária:

O livro literário ilustrado também é uma oportunidade para as crianças (e os mediadores) refinarem a percepção artística. E o mediador de leitura deve estar preparado para realizar um minucioso trabalho com as crianças, auxiliando-as nas descobertas pelas poesias, fábulas, contos, livros ilustrados e tantas outras possibilidades literárias.

Ainda seguindo a percepção das autoras de que “tanto texto escrito como as ilustrações evidenciam contribuições para a leitura e compreensão integral da história” (SILVA e SOUSA, 2016, p. 87), a articulação entre o texto verbal e a imagem tem função de complementaridade que proporciona a compreensão integral da história ao

fornecer ao leitor mais elementos para complementar a compreensão. Mesmo que apresentem contradição em relação ao texto verbal – isto é, o leitor observa nas imagens algo totalmente diferente do revelado no texto –, as ilustrações permitem complementar sentidos exatamente pelo contrassenso provocado na história.

Por meio da ilustração, os alunos realizam a leitura sensorial a qual amplia as habilidades individuais, criativas, perceptivas etc. Há estudiosos, porém, que desacreditam nos benefícios das ilustrações, haja vista “creem que estas inibem a imaginação, pois propiciam um cenário pronto, não dão margem para a criação desta. É como um filme e depois ler um livro, por mais que não queira, fica-se conectado às imagens do primeiro” (VIEIRA, 2010, p. 26). Acreditamos, entretanto, na sua importância, uma vez que incita a imaginação e contribui para ampliar os significados do texto. Além do fato de ser aproveitada como uma estratégia de leitura pela escola para facilitar a compreensão leitora.

Assim como há posicionamentos conservadores contrários quanto aos benefícios da ilustração para a mediação dos textos literários, há quem não recomende a leitura de clássicos por meio de adaptações, sob a justificativa de mutilarem as obras integrais.

Formiga (2009) adverte que nem toda adaptação, a despeito de muitas posições contrárias, é sinônimo de mutilação de um clássico, já que diversos escritores de renome se dedicam, ou se dedicaram, a esse trabalho, a exemplo de Monteiro Lobato, Ruth Rocha. Além disso, muitos leitores chegam ao texto integral do clássico estimulado pelo contato inicial de adaptações, produzidas em vários formatos. Ademais, "um clássico é um livro que pode ser retomado em diferentes momentos na vida do leitor, e por esta razão não constitui uma operação definitiva na adaptação" (FORMIGA, 2009, p. 126).

É sabido que os clássicos chegam até os leitores mirins, na maioria das vezes, por outros campos artísticos, por meio de filmes, músicas, quadrinhos, TV, o que contribui para despertar o interesse em um outro suporte de leitura. É importante lembrar que as adaptações, sejam elas em suportes materiais impressos ou audiovisuais, são um convite às leituras consideradas herméticas, mais difíceis de serem compreendidas em seu texto primeiro. Nesse sentido, as adaptações consistem em um modo de ler que promove o acesso aos clássicos por leitores principiantes e ainda cumprem a função de formar leitores com gosto para obras de grande influência na nossa cultura.

Sobre esse aspecto, retomemos ainda a pesquisa de Formiga (2009), quando revela que, em uma entrevista, indagado sobre o risco de o adaptador sacrificar o que deveria ser preservado do estilo do autor original, o escritor Carlos Heitor Cony afirma que esse discurso está equivocado, já que nenhuma adaptação substitui o texto original. Para Cony, a adaptação não é rival do original, ao contrário, presta um serviço importantíssimo, uma vez que trata de uma introdução ao texto dito original. Fundamentando a mais seu raciocínio, vale-se de questionamentos acerca da validade das adaptações para outros suportes.

uma obra cinematográfica baseada num romance substitui a obra literária? Claro que não. O filme não deixa de ser, se for bem realizado, um convite, um apelo, para que se leia o livro. Quando um roteiro de cinema ou *script* de teatro é adaptado de um texto literário, quase sempre há a necessidade de se eliminar excessos, cenas, diálogos, personagens ou o que estiver ultrapassado, incompreensível... Questão de linguagem e adequação ao público e à época. Porque a linguagem visual, cinematográfica, é uma e a linguagem literária, outra. Volto a perguntar: o filme ou a peça teatral substitui o romance? Não substitui. Adaptação é a mesma coisa. Na maioria das vezes, ela é a iniciação ao clássico (MONTEIRO, 2002, p. 133 apud FORMIGA, 2009, p. 172).

Assim, a adaptação dos clássicos literários pode ser um ponto de partida para despertar o interesse dos estudantes pelas obras integrais, uma maneira de apresentar grandes textos da escrita universal aos nossos leitores em formação, o que não restringe a leitura do que se concebe como a obra primeira.

Partindo dessa premissa, cabe à escola reconhecer a importância dessa forma de ler e ao professor exercer o papel de mediador, principalmente nas séries iniciais, quando seus leitores terão a oportunidade de iniciarem mais cedo o percurso nos clássicos da literatura, conforme apresentamos na discussão que segue sobre as adaptações de clássicos literários no Ensino Fundamental.

3.1 Adaptações de clássicos literários: ferramenta de leitura para o 8º ano do Ensino Fundamental

O Ensino Fundamental é uma fase da Educação Básica compreendida entre a Educação Infantil e o Ensino Médio, contemplando crianças com idade entre 6 (seis) e 14 (quatorze) anos. A Lei nº 11.274/2006 ampliou a duração do Ensino Fundamental de

oito para nove anos, com matrícula de crianças a partir de seis anos de idade. Os anos iniciais, do 1º ao 5º ano, são dedicados aos estudantes entre 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade. Já os finais, do 6º ao 9º ano, atingem uma faixa etária entre 11 (onze) e 14 (quatorze anos). Considerando essa organização do tempo escolar, o 8º ano do Ensino Fundamental – série específica selecionada para o estudo do nosso objeto de pesquisa – corresponde ao penúltimo ano do segundo ciclo, quando os estudantes já devem apresentar um nível satisfatório de competência de leitura e de produção textual, com capacidade para reflexão crítica sobre o que leem e escrevem.

No que concerne à leitura literária, os catálogos das editoras brasileiras mostram a diversidade de textos adaptados, classificando os livros por sugestão de faixa etária, numa clara separação em literatura infantil e juvenil. Trazendo um grande volume de obras que se enquadram nesta categoria, os catálogos oferecem um menu variado de clássicos literários adaptados que atendem leitores desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental II.

Os catálogos editoriais fornecem importantes informações no que diz respeito aos livros que estão sendo publicados e, certamente, lidos no ambiente escolar, considerando que estes representam a vitrine de oferta de produtos educacionais. A partir desse suporte, o professor tem acesso a dados sobre os livros, acompanhados, muitas vezes, de orientações e indicações dos autores, por meio de breves relatos histórico-contextuais, bem como dos tradutores, adaptadores e ilustradores, dando-lhe, portanto, uma visão panorâmica do que está sendo produzido na indústria livresca (FORMIGA, 2009, p.194).

No catálogo da Editora Scipione, por exemplo, encontramos adaptações de clássicos da literatura universal. Em se tratando de obras destinadas a leitores que cursam o 8º ano do Ensino Fundamental, destaca-se a *Coleção Reencontro Literatura* que oferece algumas sugestões para turmas de fase escolar do 8º ao 9º ano, conforme lista elencada no Quadro 1.

Quadro 1 - Títulos de adaptações de clássicos literários para o público jovem: Série Reencontro - 8º ao 9º anos

Obras	Autor	Adaptação
<i>As alegres comadres de windsor</i>	William Shakespeare	Hildegard Feist
<i>A Divina Comédia</i>	Dante Alighier	Cecília Casas
<i>O retrato de Dorian Gray</i>	Oscar Wilder	Claudia Lopes
<i>Rei Lear</i>	William Shakespeare	Hildegard Feist

<i>A megera domada</i>	Willian Shakespeare	Hildegard Feist
<i>O gato preto e outras histórias</i>	Edgar Allan Poe	Ricardo Gouveia
<i>O signo dos quatros</i>	Arthur Conan Doyle	Laura Bacellar
<i>O médico e o monstro</i>	Roberto Louis Stevenson	Edla Van Steen
<i>Édipo rei</i>	Sófocles	Cecília Casas
<i>O príncipe e o mendigo</i>	Mark Twain	Cláudia Lopez
<i>Otelo</i>	Willian Shakespeare	Hildegard Feist
<i>Os Lusíadas</i>	Luís de Camões	Ruben Braga e Edson Rocha Braga
<i>O inspetor geral</i>	Nicolau Gógol	Sylvia Orthof
<i>O morro dos ventos Uivantes</i>	Emily Bronte	Vilma Areas
<i>Muito barulho por nada</i>	Willian Shakespeare	Leonardo Chianca
<i>Os miseráveis</i>	Victor Hugo	José Angeli
<i>Alice no país das maravilhas</i>	Lewis Carroll	Edy Lima

Fonte: Editora Scipione. Disponível em: <<http://www.aticascipione.com.br/literatura/8-ao-9-anos/literatura/scipione/adaptacao-de-classico-da-literatura-universal/N-895dj3Ztz6l7mZhh0hmqZ8msjel>>. Acesso: 15 nov. 2016.

A lista mostra uma relação de títulos de épocas e gêneros distintos de clássicos da literatura ocidental – a peça *Édipo rei*, uma tragédia grega escrita por Sófocles volta de 427 a.C.; várias peças, datadas do século XVI, de autoria do considerado mais influente dramaturgo do mundo, Willian Shakespeare; e até romances de séculos mais recentes. Isso prova que obras da literatura universal de vários tempos em gêneros diversificados encontram-se no mercado livresco à disposição da escola.

Salvaguardadas todas as questões que possamos ter quanto aos monopólios e benefícios – abordagem merecedora de discussões –, as editoras dirigem e divulgam seu acervo nas escolas onde se encontram seus maiores consumidores.

O mercado editorial constitui as condições sociais de produção e de circulação dos produtos até o consumidor. Por outro lado, dentro da instância educacional, é a escola, através de convenções e códigos atribuídos à leitura “legítima”, mediada pelo discurso da academia, dos documentos oficiais e do próprio marketing das editoras, que impõe a legitimação do discurso dos livros autorizados (FORMIGA, 2009, p. 177).

Nessa relação de poder e autoridade, de força econômica e cultural entre mercado/capital e escola, as adaptações dos clássicos circulam com a validação da instância escola. Em meio aos títulos de adaptações de clássicos literários, definidos pela editora Scipione para um público jovem que cursa o 8º ou 9º anos, encontra-se um *Alice no país das maravilhas*, escrita por Lewis Carroll.

A editora anuncia um “Reencontro” com esse clássico da literatura por meio de uma adaptação feita Edy Lima, nomeada pelo jornal o *Estadão* de “amiga de Quintana e Lobato”, de quem recebeu deste último uma carta, em 1945, com a declaração: “Muito boa a sua literatura inicial, reveladora de excelentes dotes que poderão ir longe, se devidamente cultivados”¹.

Pelo quantitativo de obras produzidas, o cultivo foi fértil, porque, além de ter produzido muitas obras destinadas ao público leitor infantil, tendo como destaque *A vaca voadora*, Edy Lima adaptou vários outros clássicos da literatura, dentre os quais *A volta ao mundo em oitenta dias*, *As aventuras de Tom Sawyer*, *Os miseráveis*, *O guarani*, *Alice no país do espelho*, *Daniel na cova dos leões*, *Ali Babá e os quarenta ladrões*, *Oliver Twist*, *Ilíada*, *Odisseia*, *Memórias de um sargento de milícias* e *Sonho de uma noite de verão*. Logo, verifica-se que a adaptadora de *Alice no país das maravilhas* mantém uma relação estreita com a arte literária, o que legitima o texto como valor estético solicitado pela literatura.

Tomando também como base essa indicação do catálogo da Editora Scipione, apresentaremos a seguir uma experiência com uma prática de leitura do conto *Alice no país das maravilhas*, realizada no 8º ano do ensino fundamental, que propiciou aprendizagens significativas para a turma.

Nesse horizonte de cativar leitores, nós, docentes, precisamos adotar metodologias de leitura determinantes na promoção ou ampliação de práticas leitoras capazes de favorecer a interação do leitor com o texto a partir do sentido que este lhe apresenta.

3.2 *Alice no país das maravilhas*: uma experiência de leitura com estudantes do 8º ano

Monteiro Lobato não é somente um reconhecido autor que se destaca no cenário brasileiro como fundador de uma produção literária criada especialmente para leitores infantis e juvenis, já que seu nome hoje é também consagrado entre os adaptadores profissionais de nosso país. Lobato estabeleceu um intenso diálogo com a cultura estrangeira, tanto por meio da tradução e adaptação como pela incorporação de textos e personagens à sua própria criação. Sob a denominação “tradução e adaptação”,

¹ Informação disponível em: <http://vida-estilo.estadao.com.br/noticias/comportamento/feminista-precoce-amiga-de-quintana-e-lobato,335267>. Acesso em: 25 fev. 2017.

textualmente registrada na capa dos livros, Lobato reescreveu *Alice no país das maravilhas* para crianças, em meados do século passado, tanto pela editoras Cia. Editora Nacional quanto pela Brasiliense. Em um estudo que analisou as diferenças culturais presentes nos dois textos de Alice – a obra primeira inglesa e a versão traduzida e adaptada por Lobato –, Duarte (2013) chama atenção para a justificativa do autor brasileiro já no prefácio do volume, quando reconhece que fez o que pôde nessa reescritura, mas pede aos pequenos leitores que não o julguem, alegando serem grandes as diferenças das línguas e mentalidades, inglesas e brasileiras.

No Brasil, o romance de Lewis Carroll ganhou tradução e adaptação por grandes outros nomes ligados à literatura, tais como: Ana Maria Machado e Ligia Cademartori. Os estudos de Duarte (2013, p. 30) sobre a obra ainda revelam:

Há em *Alice* uma quebra de convenções, de expectativas racionais e até mesmo morais. Embora Alice seja apenas uma criança, ela se comporta de forma rebelde ao infringir regras de conduta e etiqueta impostas pela sociedade vitoriana da época. A menina mostra-se alheia à utilização de convenções que eram próprias da sociedade vitoriana.

A história de Alice, escrita por Charles Lutwidge Dodgson, sob o pseudônimo de Lewis Carroll, foi publicada no ano de 1865 na Inglaterra. A narrativa de Carroll pertence à literatura *nonsense*, elemento típico da literatura inglesa do século XIX, que, segundo Radaeli (2012) constitui um recurso literário de difícil definição sucinta ou estabelecimento de limites em sua conceituação.

O enredo de *Alice no país das maravilhas*, porém, nos dá uma ideia do que trata esse termo. Vejamos: Alice se surpreende ao ver um coelho branco tirar um relógio do bolso, olhar as horas e sair apressado. Sentindo muita curiosidade, segue o coelho e o vê entrar numa toca até chegar ao País das Maravilhas, um lugar onde Alice vivencia muitas aventuras, muda de tamanho e conhece criaturas estranhas como: a Lagarta, a Duquesa, o Gato de Cheshire, a Lebre de Março, o Chapeleiro Maluco, o Rei e a Rainha de Copas. Nessa aventura, são propostos à Alice muitos desafios que só cabem em uma imaginação sem limites. Ao final da história, a irmã da menina a acorda, então ela percebe que tudo não passou de um sonho encantador.

Para a abordagem da obra de Lewis Carroll nesta pesquisa, além de considerarmos a adaptação de Edy Lima, da Série Reencontro da Editora Scipione,

tomamos como referência de leitura integral da obra *Alice no País das Maravilhas*, que integra a Coleção Grandes Clássicos para Jovens, publicada pela editora FTD. Essa versão foi traduzida para a língua portuguesa por Ligia Cademartori, ensaísta, tradutora e pesquisadora da área da literatura, atributos que legitimam a escritora a lidar com os aspectos estéticos da obra. É importante ressaltar o conhecimento da obra pelo professor para que disponha de mais subsídios que favoreçam a aproximação entre o estudante e o texto abordado.

Foi com esse suporte que realizamos a leitura com o clássico literário *Alice no País das Maravilhas*, durante o período de estágio, em uma turma do 8º ano na Escola Estadual de Ensino Infantil Fundamental e Médio Francisco Cícero Sobrinho, localizada na cidade de Sousa, no sertão da Paraíba.

A experiência, concebida a partir das observações durante o Estágio Supervisionado do curso Licenciatura em Letras – atividade curricular obrigatória para a formação acadêmico-profissional docente –, foi efetivada com uma turma de 13 estudantes. É importante destacar que, durante essa vivência de prática docente, observamos algumas dissonâncias entre os conteúdos vistos nos componentes curriculares do curso e a realidade escolar. Tais dificuldades pareceram se avolumar, quando se relacionava à leitura de textos literários, notadamente dos clássicos.

Com efeito, este estudo buscou investigar – utilizando-se também a observação como elemento investigativo para estudar os comportamentos de leitores – o interesse dos estudantes pela leitura dos clássicos da literatura, dada a sua pertinência para o processo de formação leitora. A partir desse propósito, buscamos conhecer algumas formas de adaptações (texto e filme) com as quais os estudantes do 8º pudessem estabelecer um contato com a história do clássico a ser trabalhado.

De início, rastreamos os conhecimentos prévios dos estudantes no que concerne aos clássicos literários. Para tanto, estabelecemos diálogos com a turma, procedimento que nos permitiu verificar, por parte de alguns deles, o desconhecimento de quais tipos de textos faziam parte da denominação clássicos literários. Outros, entretanto, não titubearam ao apontar como exemplos *A bela e a fera*, *Chapeuzinho vermelho*, *Branca de neve e os sete anões* e *Alice no país das maravilhas*.

Questionados sobre a forma de contato com essas obras, relataram o acesso por meio de filmes, desenhos animados, livros infantis, histórias em quadrinhos etc. Como resposta à indagação se tiveram acesso a essas histórias por meio do texto integral no

suporte escrita, a resposta negativa foi quase unânime. Pela postura dos estudantes, constata-se que o primeiro contato das crianças com os clássicos literários se dá, de fato, pelas adaptações em suportes e gêneros variados, desde o cinema até a diversidade de textos impressos.

Durante a interação estabelecida com a turma do 8º ano do ensino fundamental acerca das experiências de leitura com os clássicos da literatura, ficou explicitado que os estudantes não sabiam distinguir adaptações de obras integrais, ou seja, tinham pouco conhecimento acerca das várias versões dos clássicos apresentadas pelo mercado editorial.

Expostos alguns exemplos de obras clássicas, os estudantes reconheceram algumas delas em livros didáticos por meio de fragmentos, mas confessaram pouco estímulo para adentrar uma leitura completa desses textos. Será que tal constatação sinalizaria a falta de autonomia e de interesse dos estudantes na busca da leitura dos clássicos literários? Se considerarmos a resposta afirmativa, haveria uma indicação de que a escola não estaria preparada para um trabalho mais articulado com a diversidade de gêneros, incluindo a oferta de leitura dos clássicos literários?

Essa dificuldade de promover a atividade leitora dos clássicos pode ter justificativa no fato de a escola não disponibilizar das obras em sua biblioteca. Tendo em vista essa possibilidade, verificamos que o acervo da escola onde foi desenvolvida a experiência de leitura não possuíam exemplares suficientes, dispo de quinze títulos de clássicos literários com apenas um volume de cada obra, com exceção de um que possui dois volumes. Os dados nos possibilitam afirmar que, se a escola não tem um acervo com uma diversidade razoável de textos ou apresenta exemplares insuficientes para serem trabalhados em sala de aula, as propensões de formar leitores certamente tendem a reduzir. Se, por outro lado, a escola dispõe de uma vasta biblioteca que contempla o gênero literário, mas não há registros de práticas de leitura, as questões são de outra natureza, como, por exemplo, a abordagem inadequada ao tratamento da literatura em sala de aula.

Em se tratando dos clássicos da literatura, se desde cedo o estudante tivesse contato com esse tipo de leitura, iniciado com as adaptações, posteriormente não passaria por tantas dificuldades em explorar essas obras, inclusive em suas versões integrais. É importante refletir que talvez o desinteresse do leitor por esse tipo de texto

decorra de uma inadequada mediação pedagógica, não tendo como foco a interação entre leitor e texto para que este lhe faça sentido.

O cenário da turma do 8º ano de uma escola pública nos fez compreender que há contextos educacionais e sociais que necessitam ainda conceder a devida atenção aos clássicos literários e aos vários suportes em que nos são apresentados. Sobre a questão, Machado (2002) nos faz refletir que a experiência de leitura de adaptações de clássicos literários, na infância e na adolescência, é parte indissociável da bagagem cultural e afetiva que o leitor incorpora pela vida afora.

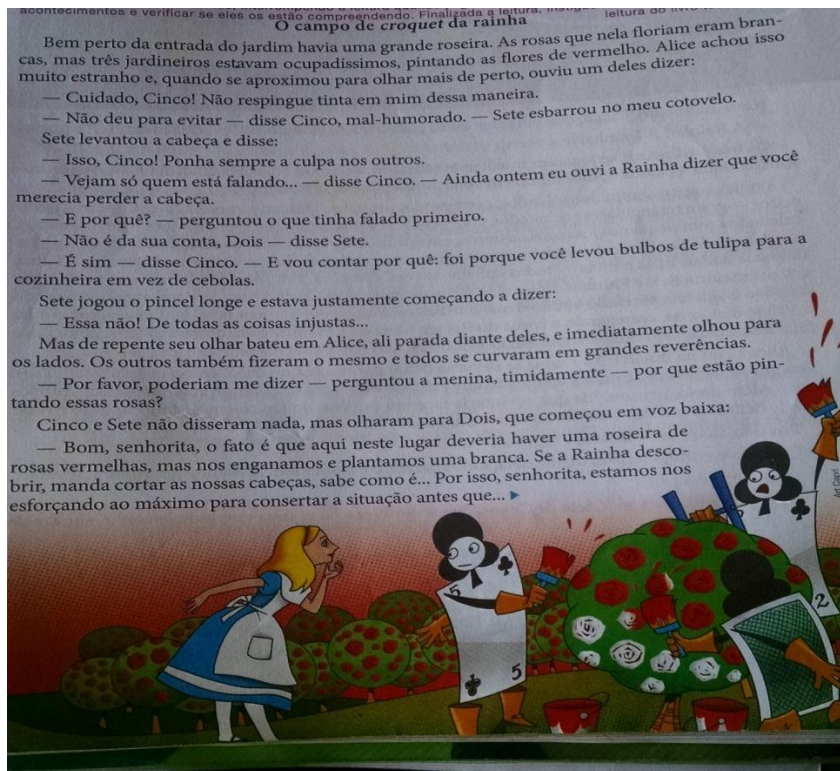
Após averiguarmos, durante o Estágio, as percepções dos estudantes no que se refere aos clássicos da literatura, e considerando a obra *Alice no país das maravilhas* ter sido apresentada por eles como uma primeira referência a clássicos da literatura, realizamos uma experiência para a preparação da leitura com uma adaptação da obra inglesa.

3.2.1 Um convite à leitura de *Alice no país das maravilhas* na sala de aula

Desde a primeira publicação, a história de Alice já passou por diversas traduções e adaptações, em variados suportes e materialidades. No meio cinematográfico, merecem destaques as adaptações produzidas pela Disney, que lançou um longa-metragem em 1951, e pelo cineasta estadunidense Tim Burton no ano de 2010. A narrativa de Alice também já chegou às mãos de leitores modernos por meio de ebooks. Em livro impresso, por intermédio de uma variedade de formatos, incluindo o didático.

Para trabalharmos a história de Alice na turma do 8º ano, partimos de um trecho "O campo de croquet da rainha" extraído do livro didático *Vontade de saber Português, 8º ano* (ALVES e CONSELVAN, 2012), adotado na turma onde realizamos a experiência.

Figura 1 - *Alice no país das maravilhas* em livro didático do 8º ano



Fonte: Livro didático *Vontade de saber Português, 8º ano*

Ao lerem o trecho, perguntamos se os alunos sabiam a que clássico da literatura pertencia. Embora a maioria deles reconhecesse a obra, alguns desconheciam partes de seu enredo. Para reavivarmos a história na memória dos estudantes, exibimos uma adaptação de *Alice no País das Maravilhas* para o suporte fílmico, produzido pela Walt Disney, veiculado no canal Youtube², site que permite a seus usuários o compartilhamento de vídeos em formato digital.

O filme foi bem recebido pelos estudantes que demonstraram entusiasmo pela atividade interativa. Subsequentemente ao filme, realizamos debates que permitiram perceber ainda mais o interesse da turma pelo clássico, confirmando Vieira (2010, p. 33) quando afirma que "a adaptação surge com o intuito de propiciar ao leitor a apreciação da obra original, muito antes da leitura intrínseca da mesma. Faz o papel de trampolim para a iniciação da leitura de obras clássicas".

Durante o debate em sala de aula, os estudantes foram colocando suas percepções, questionamentos e suas curiosidades em relação ao enredo do filme. O envolvimento da turma nos possibilitou ratificar o seu prazer e encantamento pela

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5CzVN09pMD0>. Acesso 04 nov. 2016.

história. Ao final das discussões, incentivamos a agirem de forma autônoma na busca pela leitura, alegando a oportunidade de conhecerem melhor a história.

Essa atividade foi de suma importância, pois, além de ter atraído a turma para a leitura de uma obra, proporcionou aprendizagens significativas para os leitores. Ademais, com vistas a motivar um trabalho que auxilie no despertar do interesse pela leitura de clássicos literários, oferecemos algumas sugestões e estratégias de leitura aos docentes da escola. A exemplo disso mostramos um relato de um professor, disponibilizado em vídeo³, contando sua experiência de leitura com adaptação de clássicos, a partir da coleção "É só o começo", da editora L&M, que reúne clássicos da literatura em versões adaptadas para neoleitores. Dentre essas adaptações estão *Hamlet e Romeu e Julieta*, de William Shakespeare; *Robinson Crusóe*, Daniel Defoe; *Dom Quixote*, Miguel de Cervantes.

Assim como esse professor que declarou ter obtido sucesso ao trabalhar os livros dessa coleção no ensino fundamental, a escola pode motivar seus estudantes a se tornarem grandes leitores da literatura. Para tanto, deve facilitar ao máximo o acesso dos estudantes aos livros, motivo pelo qual é pertinente que disponha de uma biblioteca com um razoável número de títulos e de volumes de obras da literatura. Além disso, não basta tê-los na escola, já que é fundamental conscientizar os discentes sobre a importância da leitura desses textos, propiciando a eles um convívio regular com clássicos literários.

Uma sugestão bastante pertinente é a realização de oficinas de leitura, em que seriam também integrados os pais dos alunos, considerando que a participação deles colaboraria para despertar o gosto pela leitura na criança, numa interação que amplia a relação entre pais e escola no espaço de formação.

Pesquisas do mundo todo mostram que a **criança que lê** e tem contato com a literatura desde cedo, principalmente se for com o **acompanhamento dos pais**, é beneficiada em diversos sentidos: ela aprende melhor, pronuncia melhor as palavras e se comunica melhor de forma geral (BRIOTTO, p. 1, 2015, grifos do autor).

É inegável que as crianças em contato desde cedo com os livros apresentam maior capacidade de desenvolver a criatividade, a imaginação e adquirir cultura. Como nem sempre a família tem condições de desempenhar esse papel, cabe à escola o

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aBb989x5kDc>. Acesso 04 nov. 2016.

exercício de mediar o processo. Para uma mediação produtiva, é importante que o professor demonstre – se não paixão pela literatura – conhecimento das obras, conduta necessária para aproximar os estudantes dos clássicos literários. Sem esse conhecimento, como o professor mediará o encontro do texto com o leitor? Como saberá a que passagem o estudante se refere ao se reportar a uma parte da obra que lhe chamou atenção ou qual a razão de ter se identificado com um determinado personagem? Sem o domínio da obra, é certo que as discussões empreendidas pelo docente não podem ser feitas com criticidade, explorando as informações implícitas e explícitas e, assim, desenvolvendo uma compreensão ampla do texto literário.

A leitura de *Alice no país das maravilhas*, a partir de um fragmento do livro didático, seguida da exibição de um filme, foi utilizada como estratégia para a leitura do clássico, seja em uma versão adaptada – como a da Série Reencontro recontada por Edy Lima, seja em sua versão traduzida. A experiência vivenciada no estágio trouxe bons resultados, pois permitiu a turma do 8º ano o conhecimento e formas de acesso a um clássico por meio de vários suportes, provocando no leitor o desejo de explorar mais a obra literária, ampliando sua leitura para que ganhe “um sabor e uma importância particulares” (MACHADO, 2002, p. 24).

Isto posto, percebemos que pertinentes estratégias de ensino auxiliam a aproximação dos estudantes dos clássicos literários, instigando a sua curiosidade e desenvolvendo competências e habilidades responsáveis por ampliar a compreensão de leitura como forma de absorção de significados para a vida.

Considerações finais

Não se pode subestimar a capacidade dos jovens leitores no desbravamento de uma trama ou linguagem mais complexa dos clássicos literários, mas nem todos são dotados dessa competência leitora e acabam reprimindo o acesso a grandes obras da literatura universal. Segundo Formiga (2009), a pertinência de jovens leitores lerem os clássicos em sua versão "original" – concebida como a obra que se enquadra nos padrões estético-artístico, de expressão do belo, de comunicar emoção estética – é discutível dentro de determinadas concepções, a exemplo de Eagleton (2003), Abreu (2006), para quem são consideradas as relações dialógicas, que se mantêm com o texto, entre quem a produz e quem a lê, bem como as relações históricas variáveis, a partir das quais são emitidos juízos de valoração da obra. Em outras palavras, conforme Formiga (2009, p. 141), os leitores infantis ou juvenis somente poderão "reconhecer a beleza literária, sugerida pelo autor, e usufruir dessa emoção estética se for possível a leitura em consonância com o desenvolvimento deles". A partir desse entendimento, ainda complementa:

Decerto, o valor estético só serve a algum propósito se os livros forem efetivamente lidos. Leitores iniciantes não têm ainda condições, à maneira do leitor proficiente adulto, de adentrar e absorver todos os recursos do universo estético da linguagem escrita. Eles podem, sim, adquirir esse desenvolvimento estético ao longo de sua formação, que passa, inclusive, por sua evolução psicológica. Não negamos, é certo, o reconhecimento do belo em uma obra por parte da criança, mas trata-se da compreensão de “belo” condicionada à sua mentalidade, que pode estar ligada à imaginação, que, por sua vez, promove a reflexão (FORMIGA, 2009, p. 141).

É evidente que os clássicos literários estrangeiros ou nacionais ditos “originais”, quando traduzidos ou adaptados para a nossa língua ou para um público leitor específico, passam por transformações com o propósito de serem compreendidos e aceitos na cultura de chegada desse leitor especial. Tendo em vista o processo de formação de leitores, é apropriado que o gosto pela leitura deve ser estimulado *a priori* por meio de histórias que despertem a imaginação da criança e, nesse aspecto, a forma e o suporte utilizados para essa apresentação podem determinar o comportamento leitor.

Nessa perspectiva, esta pesquisa mostra-nos a relevância das adaptações dos clássicos literários em sala de aula para a formação do sujeito leitor, sinalizando uma

atenção especial que deve ser empreendida com esses textos. Os objetivos determinados foram obtidos por meio da experiência do estágio, com estudantes do 8º ano, realizando uma experiência de leitura com *Alice no país das Maravilhas*, respondendo ao mesmo tempo a indagações da pesquisa quanto à real importância da leitura dos clássicos literários para os leitores em formação e por que (e até como) utilizar as adaptações dos clássicos literários em sala de aula. As respostas apresentadas certamente contribuirão para ampliar a leitura de *Alice no país das Maravilhas* fora da sala de aula, para incentivar a leitura de outras obras e para propor ou rever procedimentos metodológicos apropriados à prática docente da área de Letras, responsável pela formação de leitores e letramento literário.

No que se refere às diferentes formas pelos quais a maioria dos leitores iniciantes tem contato com os clássicos da literatura, filmes, desenhos animados, livros infantis e histórias em quadrinhos constituem suportes primeiros de acesso às obras literárias durante sua experiência familiar e escolar.

No que concerne ao interesse de muitos estudantes pela leitura dos clássicos literários, constatamos uma certa ausência de autonomia na busca por essas obras, o que nos leva a inferir que se deve à falta de estímulo por parte de alguns mediadores ainda inabilitados para a capacidade de influenciar o gosto por esse tipo de leitura.

Tratando da importância das adaptações dos clássicos literários, constatamos que a adaptação é de grande relevância para despertar a curiosidade dos jovens leitores em conhecer as obras integrais. Nesse aspecto, a pesquisa nos deu subsídio para compreender que, ao trabalhar as adaptações dos clássicos literários, o professor deve proporcionar um ambiente em que os estudantes sintam vontade e prazer de participarem da leitura das obras literárias. Propiciar, pois, o convívio diário com obras literárias contribui para os estudantes a se familiarizarem com essas obras, despertando seu interesse por elas, já que "não há razão para deixar de ler os clássicos desde cedo. Estão à nossa disposição, com toda a opulência de seu acervo, a generosidade de sua oferta. Dispensá-los por ignorância seria uma grande perda" (MACHADO, 2002, p. 24).

Enfim, as adaptações dos clássicos literários, além de permitirem aos estudantes se aproximarem de obras representativas da literatura que a princípio não são acolhidas por alguns deles, concorrem para a formação do gosto artístico, preparando-os para serem consumidores das belas-letas. Por outro lado, conforme defende Formiga (2009), alcançar a beleza estética talvez não seja a única pertinência de se lerem os clássicos,

considerando que a leitura propõe aspirações incontáveis de acordo com a partilha da literatura para cada leitor. De uma forma ou de outra, encorajar a leitura de adaptações de clássicos literários desde cedo colabora para a construção do letramento literário, tornando o leitor apto a compreender melhor, entre outras habilidades proporcionadas pelo ato de ler uma obra literária, seus questionamentos interiores e o mundo em que vive.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ANUÁRIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. São Paulo. Ed. Moderna, 2016.
ALVES. Rosemeire Aparecida; CONSELVAN, Tatiane Brugnerotto. São Paulo: FTD, 2012.

AZEVEDO, Ricardo. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça, VERSIANI, Zélia (orgs.). **Literatura e Letramento: Espaços, Suportes e Interfaces** – O Jogo do Livro. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2003. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/A-didatizacao-e-a-precaria-divisao-de-pessoas-em-faixas-etarias.pdf>>. Acesso: 27 dez. 2016.

BARBOSA, B. T. **A leitura dos clássicos literários na escola**: Um desafio enfrentado no letramento de jovens. In: III colóquio internacional sobre letramento e cultura escrita. UFMG, 2010. Artigos em anais de eventos...Belo Horizonte: UFMG. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/fale/files/2010/06/Begma-Tavares-Barbosa.pdf>> . Acesso em: 29 de setembro de 2016.

BENCINI, Roberta. **Porque ler clássicos**. Disponível em: <<http://acervo.novaescola.org.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/ler-classicos-423566.shtml>>. Acesso em: 25 de abril de 2016.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 05 de nov. 2016.

BRIOTTO, Marcella. **Como ensinar a seu filho que ler é um prazer**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/importancia-leitura-521213.shtml>>.

Acesso em: 05 de julho de 2016.

BRITO, Aline Haiddé de. Análise interpretativa do Romance Alice no país das Maravilhas. **Crátulo: Revista de Estudos Lingüísticos e Literários**. Patos de Minas: UNIPAM, (1): 49-56, ano 1, 2008.

CALVINO, Ítalo. Por que Ler os Clássicos. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Tradução Ligia Cademartori. São Paulo: FTD, 2010.

CARROLL, Lewis. *Alice*: edição comentada. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002.

_____. **Alice no país das maravilhas**. Tradução Ana Maria Machado. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Alice no país das maravilhas**. 6 ed. Tradução e adaptação Monteiro Lobato. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1944.

_____. **Alice no país das maravilhas**. 8 ed. Tradução e adaptação Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Brasiliense, 1958.

_____. **Alice no País do Espelho**. Tradução e adaptação Monteiro Lobato. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1958.

DUARTE, Katarina Queiroga. “**Alice por Artes de Narizinho**”: Alice no País das Maravilhas, de Monteiro Lobato. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2013.

EDITORA SCIPIONE. Disponível em: <<http://www.aticascipione.com.br/vitrine/6-ao-7-anos/literatura/scipione/adaptacao-de-classico-da-literatura-universal/N-6hbnpcZtz6l7mZhh0hmqZ8msjel>>. Acesso em: 03 de março de 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI escolar**: O minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIMI, Dimitra. **Alice no País das Maravilhas ainda é um mistério**. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Cultura/Livros/noticia/2015/07/alice-no-pais-das-maravilhas-vai-completar-150-anos-e-ainda-nao-entendemos-todos-seus-misterios.html>>. Acesso em: 05 de março de 2017.

- FORMIGA, Girlene Marques. **Adaptação de clássicos literários: uma história de leitura no Brasil.** Tese (Doutorado em Letras) – UFPB, João Pessoa, 2009.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 2006.
- _____; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História & Histórias.** 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer uma pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2008.
- Radaelli, Juliana. **O nonsense no País das maravilhas: o que Alice ensina à Educação.** Tese (Doutorado em Educação) – USP, São Paulo, 2012.
- SILVA; SOUSA, Kenia Adriana de Aquino Modesto Silva; Renata Junqueira de Sousa. **Os significados dos paratextos, da narrativa e das ilustrações: a mediação e a formação do leitor literário.** Revista Cerrados. v. 25, n. 42, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/76-93>>. Acesso em: 22 de fev. 2017.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Trad. Caio Meira. 3 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- VIEIRA, Gabriela de Oliveira. O. **Adaptação para novos leitores: Como a literatura clássica adaptada fornecida às escolas do ensino público e utilizada pelos professores no processo de ensino estimula a leitura de obras originais.** Porto Alegre: UFRGS/FABICO, 2010.
- ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Revista Via Atlântica**, Brasil, n. 14, p. 11-22, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>>. Acesso em: 25 ago. 2016.